



ração de 1969.  
3.261.

## O imaginário do Brasil e a representação das elites no Algarve do século XVIII

José Eduardo Horta Correia  
Professor Emérito da Universidade do Algarve

O Algarve constitui um pequeno reino sempre associado ao reino de Portugal desde a reconquista cristã no sul da península ibérica. Assim se manteve como entidade mais simbólica que real, até à formação do Reino Unido de Portugal Brasil e Algarve que os brasileiros, amantes da nossa história, bem conhecem.

Fazendo parte da "civilização do barro", por oposição à "civilização do granito", segundo a celebrada dicotomia de Orlando Ribeiro, a construção algarvia é normalmente feita a base de uma alvenaria pobre sem pedra aparelhada no exterior, onde o estuque a substitui com grande originalidade. O aparecimento do barroco no século XVIII abre caminho a uma série de transformações da morfologia arquitetónica e ao decorrente aparecimento de composições decorativas moldadas em massa de pedreiro, cuja técnica se vai prolongar até ao século XX.

De todos os exemplares desse original património, sistematicamente destruído ao longo de todo o século XX pela incúria dos homens e perecibilidade dos próprios materiais, subsiste um de grande popularidade e objeto de classificação como Imóvel de Interesse Público em 1977 pelo então recém-criado Instituto Português do Património Cultural (IPPC, hoje substituído pelo IGESPAR). Trata-se de uma platibanda inserida num topo de um armazém rural, conhecido por "casa das figuras" e de cuja composição fazem parte dois monstros (macho e fêmea), dois golfinhos, duas serpentes, sendo o conjunto rematado por uma figura de índia. Como legendas as palavras: "Golfin - Bois marinos - Alaca lançado as feras - Monstros da Merica - Golfin". (fig. 1) O armazém inscreve-se num conjunto suburbano de Faro conhecido por Horta do Ourives e constituído por uma casa nobre do século XVIII com telhado de tesoura e com uma capela anexa de planta centralizada e remate oitavado. (fig. 2) Todo o conjunto foi restaurado pela Camara Municipal, tendo sido construído, na horta, pelo arquiteto Gonçalo Byrne, um teatro municipal, batizado propositadamente de "teatro das figuras". Sobre a decoração figurativa da platibanda e seu significado iconológico, se debruçará principalmente a presente comunicação.

Antes de mais torna-se necessário conhecer o encomendante desta quinta de recreio: Desembargador Veríssimo de Mendonça Manuel. Nascido em 1669, filho de um padre e de uma mulher que tivera mais dois filhos de homens casados, foi perfilhado pelo pai Manuel Gago, figura de posição social porque filho de um alferes de ordenanças e sobretudo por ser prior da importante freguesia de São Pedro de Faro. Aos 17 anos Veríssimo casa nesta paróquia com uma senhora fareense oriunda da classe dos mareantes em rápida ascensão ao tempo, de quem se chega a

suspeitar não ser filha biológica de seu pai legal. Segue dois anos depois para Coimbra cursar direito e catorze anos após o casamento nasce a sua filha única Teresa Francisca. Entretanto iniciara a sua carreira de magistrado, tendo sido juiz de fora em Tavira e Portimão, ouvidor de Azeitão, provedor do Algarve, corregedor dos Açores e Desembargador da Relação do Porto. Não esteve em nenhum lugar ultramarino e ainda sendo juiz de fora, já vivia abastadamente.

Deste *cursus honorum* não faz parte a situação de familiar do Santo Ofício, solicitada em 1704. Na sua habilitação levantam-se problemas e suspeitas que terminam num despacho negativo no ano seguinte. Esta humilhação não o impediu de casar a única filha com Diogo Mascarenhas de Figueiredo, da principal nobreza do Algarve, mas talvez ajude a explicar o desejo de afirmação que dá mostras na edificação de dois objetos arquitetónicos de planta centralizada atribuídos ao maior arquiteto algarvio da época: Diogo Tavares.

O primeiro é a capela da Casa já referida, pensada como mausoléu do Desembargador, também com decoração em gesso e a fresco na abóbada. Debaixo de uma janela de reixa comunicante com a casa desenha-se um arco sólio abatido para abrigar o túmulo encimado pela estátua jacente de Veríssimo de Mendonça (infelizmente hoje no museu) envergando a toga de magistrado com a sua monumentalidade que lembra a rigidez e a serenidade de um cavaleiro medieval com sua armadura. O segundo, uma torre octogonal encostada a cerca seiscentista da cidade mas, ao contrário da Horta do Ourives, intramuros da cidade, construído como marco visível do seu poder e com a porta virada para o arco do repouso, uma das entradas da cidade medieval. Era conhecida no século XVIII como a torre da "Horta dos Cães" e durante todo o século XX por "celeiro de São Francisco". Desdobra-se em dois pisos separados por uma abóbada de aresta de oito panos, correspondentes aos oito lados do polígono e coberta por telhado de oito águas de telha mourisca. O piso térreo, além da porta virada à cidade, apresentava sete óculos de forma elíptica. (fig. 3)

Para compreender o seu significado importa antes de mais partir da sua forma octogonal e lembrar que em corte forma um quadrado, expressões do geometrismo triunfador entre nós no século XVI, mercê da redescoberta de Vitruvius, consolidada pelo uso da tratadística na escola portuguesa de arquitetura e urbanismo até ao século XVIII. No *De Architectura* é notória a preocupação com a escolha do lugar apropriado para a implantação da casa ou da cidade face aos ventos dominantes. E o ponto de partida da tradição ocidental da "rosa-dos-ventos", tão ligadas aos descobrimentos, como à sua representação arquitetónica, a "torre dos ventos", felizmente ainda hoje existente em Atenas. Convém lembrar todavia que os trabalhos conhecidos dos homens do século XVI eram anicónicos, pelo que durante toda a idade moderna a sua representação/invenção foi feita sob a forma de um *campanile*. Só nos finais do século XVIII com o *Grand Tour* puderam os viajantes cultos conhecer a verdadeira torre ateniense. Não quero com isto insinuar que o

nos depois para a sua filha única tendo sido juiz de fora, corregedor dos crimes em nenhum lugar

do Santo Ofício, e suspeitas que ele não o impediu principal nobreza e dá mostras na arquitetura do maior

no mausoléu do túmulo. Debaixo do arco sólio abatido de Mendonça, tendo sido com a sua arquitetura medieval cerca seiscentista, construído para o repouso, uma torre da "Capela de São Francisco". A torre tem de oito panos, de oito águas de presenteava sete

para partir da sua expressão do templo de Vitrúvio, e arquitetura e ocupação com a cidade face aos "torres-dos-ventos", etónica, a "torre lembrar todavia óculos, pelo que a sob a forma de ram os viajantes e insinuar que o

encomendante ou o arquiteto se tivessem inspirado na verdadeira "torre dos ventos" para edificarem a torre da Horta dos Cães, embora se deva ter em conta a tradição cultural setecentista com a cultura visual de um licenciado pela Universidade de Coimbra ou de um mestre canteiro arquiteto. E distinguir entre História das Ideias e História das mentalidades, como elementos subsidiários da História da Arte. Seja como for, parece legítimo associar a torre da Horta dos Cães, tal como a capela sepulcral da horta dos ourives, a uma afirmação pessoal do seu encomendante, enquanto "arquitetura de poder".

Mas a torre da Horta dos Cães foi certamente mandada construir por quem falecera em 1747. E a descrição acima feita importa acrescentar que sobre a sua porta foi colocado um brasão, tipicamente rocaille e o conjunto ladeado por dois baixos-relevos de massa que taparam dois dos óculos elípticos descritos. Trata-se portanto de uma segunda campanha de obras que pelo estilo só poder ter sido patrocinada pelo neto Manuel de Figueiredo Mascarenhas Manuel (1730-1789) filho da sua única filha Teresa Francisca, que bem entendeu o sentido, a um tempo topográfico e cósmico, da marcação do espaço pelo Desembargador.

De quem são as armas colocadas sobre a porta da torre?

Dois quartéis são facilmente identificáveis: Figueiredo. Mascarenhas. E o resto? A repetição "Ave-Maria / Ave-Maria" em conjugação com as três faixas oblíquas do segundo quartel constituem uma tentativa de representar Mendonça. A utilização do Ave-Maria nas armas dos Mendonças portugueses poderá não ser estranha a invocação Ave Maria inscrita na cúpula da capela da Casa do Ourives. E sendo o orago Senhor do Bonfim e Santa Rita, a referência a Nossa Senhora poderá ser uma afirmação de divisa / símbolo dos Mendonças.

As armas da torre não são do Comendador Veríssimo, que não é Figueiredo Mascarenhas, nem do seu genro, que não é Mendonça. Só poderão ser, portanto, de Manuel de Figueiredo Mascarenhas Manuel, seu neto e responsável pela segunda campanha de obras que deverá ser já dos finais do século XVIII.

Tal como se fez para o Desembargador, deverá ver-se quem é este Manuel, quase sempre designado "Manuelinho de Faro". À tradição e às fontes históricas geralmente utilizadas, deverá acrescentar-se agora uma carta do seu sogro Desembargador João Leal da Gama e Ataíde para o filho José Diogo, recentemente encontrada no Arquivo Distrital de Faro e ainda inédita e que confirma a lenda e a história.

Nascido em 1730, estudou no Colégio de Santiago da Companhia de Jesus em Faro, onde mostrou ser aluno muito inteligente e aplicado, com grande facilidade para línguas. Todavia aquilo que perdeu na memória dos seus contemporâneos foi a sua figura agigantada e a sua prodigiosa força física, de que são testemunho material a "pela" com que jogava e a sua pesada espingarda de caça. A sua compleição hercúlea está na base de um homicídio involuntário inserido numa história rocambolesca, mas verdadeira de que resultou a sua saída para Espanha.

Manelinho teve uma altercação com um vizinho e compadre que lhe matara um cão da sua particular estima, por lhe comer as uvas da sua horta. De tudo resultou o esmagamento do vizinho entre os seus "braços hercúleos" como narram as fontes. Mas o regresso à sua cidade, de que era capitão-mor, e onde foi julgado e absolvido, acabou por constituir uma manifestação de congratulação coletiva.

Terá sido depois deste episódio e também depois da morte de seu pai (1761), ou seja, com as disponibilidades financeiras de um morgado, que iniciou novas campanhas de obras, quer na torre, quer na Horta do Ourives, que apontam estilisticamente para o gosto dos anos oitenta do século XVIII. Ladeando o brasão de suas armas com que encimou a porta de entrada da torre mandada executar em "massa de pedreiro" a figura de um Hércules, com a legenda HERCULES e de um índio com a legenda CABO DA BOA ESPERANÇA / ADAMASTOR. (fig. 4)

A representação de Hércules muito utilizada no Algarve e na Andaluzia desde o século XVI e referenciada n'Os *Lusíadas* como alegoria do estreito de Gibraltar é convencional, sobretudo na utilização da pele do leão de Nemeia e da maça feita de oliveira. Menos frequente é a hidra de Lema, porque tendo muitas cabeças é de difícil representação. Aparece aqui, só a última, a venenosa, em forma de cão raivoso como a que Hércules conseguiu esmagar com a sua moca. Mas se a alegoria de Hércules é tão óbvia, para já não falar da sugestão de "alter-ego" do Manelinho, o mesmo não se pode dizer do Adamastor. Naturalmente retirado do canto V d'Os *Lusíadas*, os autores não tinham aqui precedentes, dado que a sua figuração só começa com o Romantismo. Antes de mais convém notar a diferença das legendas: enquanto Hércules aparece nomeado enquanto tal, o Adamastor não está só. Escreve-se "Cabo da Boa Esperança Adamastor", parecendo querer insinuar que o Adamastor identificado com o Cabo das Tormentas, já foi ultrapassado. Agora, graças à gesta hercúlea dos portugueses, onde se encontravam muitos Mascarenhas algarvios, o Adamastor converteu-se em Cabo da Boa Esperança. É já um anti Adamastor e pode ser representado pelo "bom selvagem" na linha de Montaigne ou até já de Rosseau. Estamos no fim do século XVIII num Algarve já governado por um bispo expoente do iluminismo católico, D. Francisco Gomes do Avelar. A base iconográfica da representação é a gravura de Cesare Ripa, *América*, agora sob a forma de um índio agigantado com as características penas e o crocodilo, símbolo da luxúria, voracidade e duplicidade. A "cabeça" que Cesare Ripa oferece como símbolo da antropofagia americana é eliminada pela razão simples de que o índio já não ser antropófago. (fig. 5) É a apologia da ação dos portugueses nas várias partes do mundo, representada pela sua atuação no Brasil, que parece estar bem presente na gesta dos Mascarenhas Figueiredos algarvios.

Por exemplo, outro Manuel Figueiredo Mascarenhas que voltara da Índia, derrotando no Faial uma esquadra espanhola e holandesa e fizera a campanha do Alentejo pelo que recebera o hábito de Avis, partiu para o Brasil em 1603 para

e matara um cão  
tudo resultou o  
arram as fontes.  
de foi julgado e  
coletiva.

orte de seu pai  
jado, que iniciou  
es, que apontam  
deando o brasão  
ada executar em  
CULES e de um  
(fig. 4)

e na Andaluzia  
a do estreito de  
de Nemeia e da  
que tendo muitas  
enosa, em forma  
a moça. Mas se a  
de "alter-ego" do  
mente retirado do  
dado que a sua  
notar a diferença  
o Adamastor não  
arecendo querer  
ormentas, já foi  
jeses, onde se  
u-se em Cabo da  
ntado pelo "bom  
no fim do século  
ismo católico, D.  
o é a gravura de  
gantado com as  
e duplicidade. A  
gia americana é  
fago. (fig. 5) É a  
representada pela  
dos Mascarenhas

voltara da Índia,  
a campanha do  
il em 1603 para

combater os holandeses na qualidade de capitão de infantaria de mar e guerra, regressando como Almirante da nau Nossa Senhora do Pópulo. Vinculou a sua quinta, chamada por isso mesmo "mar e guerra" topónimo que ainda hoje se mantém na campina de Faro. Era bisavô do Manelinho.

Mas o caso para o efeito mais interessante que deve ser trazido à colação é o que remonta à própria fundação da cidade de Salvador. Lourenço de Figueiredo Mascarenhas foi para o Brasil com o filho João de doze anos de idade, o qual acabou por se integrar na sociedade Índia onde recebeu o nome de Bukatu, vindo a casar, nada mais, nada menos, que com Apolónia Correia, filha do Caramuru e da rainha Paraguaçu. Armado cavaleiro pelo próprio Tomé de Sousa em 1553 deixou larga descendência no recôncavo baiano, cuja aristocracia ainda hoje se orgulha da sua ascendência lusa e índia, sendo a situação mais conhecida, a da casa de Garcia d'Ávila, oriunda do "clã primordial".

É possível que ao tempo da feitura das alegorias já fosse conhecido no Algarve o poema épico *O Caramuru* do arcádico Frei José de Santa Rita Durão publicado em Lisboa em 1781, hino de louvor aos primeiros portugueses da Bahia e à bondade dos próprios índios, portadores de valores religiosos naturais que facilitaram a aceitação da religião verdadeira, constituindo um importante suporte à teoria do "bom selvagem". E é curioso verificar que Durão numa volta ao Canto II esclarece a propósito de Hércules, que cita no poema, que os heróis dos tempos fabulares foram, sem dúvida, semelhantes aos nossos primeiros descobridores.

É possível também que quem foi educado pelos jesuítas conhecesse a principal literatura sobre a história ou o mito da fundação da Bahia. E se é verdade que as campanhas promovidas pelo Manelinho se situam já em época posterior à expulsão da Companhia de Jesus, também é certo que em Faro no fim do século XVIII a biblioteca do paço episcopal deveria constituir um instrumento de trabalho apreciável. Pelo menos é o que se deduz da obra de Damião António de Lemos Faria e Castro (1715-1789) cujos catorze volumes da sua *História de Portugal* e os sete da *Aula da Nobreza Lusitana* foram redigidos nesta cidade. Seriam certamente conhecidos, além do poema de Santa Rita Durão, pelo menos três obras antigas fundamentais: a *Crónica da Companhia de Jesus* do padre Simão de Vasconcelos, de 1667; a *História da América Portuguesa*, de Sebastião da Rocha Pitta, de 1730 e o *Orbe Seráfico Novo Brasilico*, de Frei António de Santa Maria Jaboatão, de 1761.

Poderia Manuel de Mascarenhas Figueiredo ter encomendado, além das figuras da torre, o conjunto decorativo ostensivamente virado para o caminho público que ladeava a fachada da Casa da Horta do Ourives. A sua mensagem poderá constituir a apologia da América Portuguesa convertida ao cristianismo, tendo como alegoria a própria Catarina Paraguaçu, a índia que encabeça e preside todo o conjunto envergando uma "estola" símbolo do poder de rainha e que afaga duas serpentes já não venenosas, que servem à maravilha a curva e contracurva com que o artista delimitou a platibanda, em continuação de dois golfinhos muito usados

na decoração europeia, inclusive no espaldar do tanque da quinta do Rio Seco em Faro. A importância dos golfinhos como expressão europeia é sublinhada pela legenda dupla "golfin". Seguem-se as expressões "Bois Marinos" e Monstro da Merica" de um e outro lado, figuras de monstros ligadas ao imaginário europeu sobre a selva brasileira, com corpo de animal de quatro patas e garras, cabeça humana com cornos, cauda com escamas e asas de dragão, sendo um masculino e outro feminino (com tetas). Esta dualidade de sexo é reforçada por um apontamento subtil mas bem visível de órgãos genitais masculinos e femininos nas respectivas asas. (figs. 7 e 8) Estes monstros com caras humanizadas encontram-se no século XVIII na literatura de cordel portuguesa, quer como existindo no continente europeu (monstro de Chaves), quer no continente americano (monstro do Chile). (fig. 6)

Eles representarão toda a natureza domada pelo homem, ou seja a América cristianizada onde a dualidade de sexos é fundamental se tivermos em conta a história do Caramuru e Paraguaçu. Só assim se entende, a nosso ver, que a legenda central seja "Alaca lançada as feras", que interpretamos como "jararaca" (corruptela / deturpação de Alaca) lançado às feras", o derrotado índio apaixonado por Paraguaçu e vencido no amor e no poder pelo Caramuru. Todavia Jararaca não está formalmente representado, apenas textualmente mencionado na legenda, porque desapareceu, foi morto pelo Caramuru, triunfando assim a rainha Paraguaçu. Essa, como figura central, em apoteose, assume, incorporado, a legenda central (Alaca / Jararaca).

Esta tentativa de interpretação das "figuras" pressupõe evidentemente também, tal como na torre, a apologia do "bom selvagem" e portanto a conversão do "mau selvagem" ao catolicismo no Brasil. O triunfo de Paraguaçu é o triunfo da América convertida, que arremata e centraliza todo o conjunto, a apoteose de Catarina sublinhada pela figuração de apenas o busto assente sobre um concheado barroco, idêntico às figuras decorativas "europeias" do interior da capela. Esta leitura foi facilitada pelo recente restauro, pois a cabeça da índia, uma vez caída, havia sido substituída por uma cabeça de homem negroide feita em cimento. O que hoje existe é apenas uma solução de compromisso face a esta substituição.

Por fim penso que se deve ter em conta que enquanto Manuel Mascarenhas, o capitão-mor de Faro, patrocinava a apologia do Brasil, certamente inspirado pelas memórias dos antepassados, outros algarvios fixavam-se ainda no território brasileiro continuando a colonização portuguesa. Refiro-me como exemplo a um seu contemporâneo, e certamente conhecido, José de Mendonça de Matos Moreira (1743-1826) Ouvidor da comarca de Alagoas, importante figura de quem descende a primeira nobreza do império brasileiro.

No Algarve no fim do século XVIII, continuava-se a cultivar a imagem de um Brasil como terra prometida, fruto da história e do mito, mas também de uma apetência ancestral pelo novo mundo. Recordo, por fim, que a Expansão portuguesa teve o seu início precisamente no Algarve.

## Bibliografia

- A.A.V.V., *Teoria da Arquitectura do Renascimento aos nossos dias*. Lisboa: Taschen, s.d.
- AMADO, Janaina, "Diogo Álvares, O Caramuru e a fundação mítica do Brasil", *Actas dos IV Cursos Internacionais de Verão de Cascais - Mito e Símbolo na História de Portugal e do Brasil*. Portugal: Câmara Municipal de Cascais, 1998, pp. 175-209.
- BAËNA, Visconde de Sanches de, *Famílias Nobres do Algarve*. Lisboa: Anuario Commercial, 1906.
- CESARINY, Mário (selecção), *Horta de Literatura de Cordel: O Continente submerso, o Grande teatro do Mundo, os sobreviventes o dilúvio, Monstros Nacionais, Monstros Estrangeiros*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1983.
- CORREIA, António Horta, *Os Mendonças das Alagoas: Ensaio genealógico luso-brasileiro*. Lisboa: Artlandiabooks, 2011.
- CORREIA, José Eduardo Horta, "A Torre da Horta dos Cães", *Monumentos Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, 24, Março 2006, pp. 106-115.
- CORREIA, José Eduardo Horta, "Diogo Tavares e a Arquitectura de Tavira no século XVIII", *Algarve em Património*. Faro: Gente Singular, 2010.
- CORREIA, José Eduardo Horta, "Raízes da originalidade e diversidade do barroco português", *Anais do VI Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. Rio de Janeiro: s.n., 2004, vol. 1, pp. 375-395.
- CORTE-REAL, Miguel, *Fidalgos de Cota de Armas do Algarve*. S.l., 2003.
- DORIA, Francisco Antonio, *Caramuru e Catarina. Lendas e Narrativas sobre a casa da Torre de Garcia d'Ávila*. São Paulo: Senac, 2000.
- DURÃO, Frei José de Santa Rita, *Caramuru. Poema Épico do Descobrimento da Bahia*. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1781.
- GUILLAUME, Jean (ed.), *Les Traités d'Architecture de la Renaissance: Actes du Colloque*. Paris: Picard, 1988.
- JABOATÃO, Frei António de Santa Maria, *Orbe Seráfico Novo Brasilico Descoberto, Estabelecido e Cultivado a Influxos da Nova Luz de Itália, Estrela brilhante de Espanha, Luzido Sol de Pádua, Astro Maior do Céu de Francisco, o Thaumaturgo português Sto. Antonio, a quem vai consagrado, como teatro glorioso e parte primeira da Crónica dos Frades Menores da Mais Estreita e Regular Observancia da Provincia do Brasil*. Lisboa: Officina de Antonio Vicente da Silva, 1761.
- LAMEIRA, Francisco, *O Desembargador Veríssimo de Mendonça Manuel*. Faro: Câmara Municipal de Faro, 1996. Desdobrável.
- LOPES, João Baptista da Silva, *Corografia ou Memória Económica, Estatística e Topográfica do Reino do Algarve*. Faro: Algarve em Foco, 1988, vol. II
- MELLO, João de, "O Manuelinho de Faro" Manuel de Mascarenhas". *Jornal do Comércio*, 11 (Ago) 1945.

MENDES, António Rosa, *Damião António de Lemos Faria e Castro (1715-1789) Política e Cultura no Algarve Setecentista*. Dissertação de Doutoramento apresentada a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, 2002.

MURATORE, Giorgio, *La Ciudad Renascentista*. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local, 1980.

PAULA, Rui; PAULA, Frederico, *Faro: Evolução Urbana e Património*. Faro: CMF, 1993.

PEREIRA, Tania, "A Horta do Ourives", *Monumentos Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, 24, Março 2006, pp. 116-121

PITTA, Sebastião da Rocha, *História da América Portuguesa, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento até o de mil setecentos e vinte e quatro ....*Lisboa Occidental: Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1730

RIPA, Cesare, *Iconologia*. Milano: Tea, 1992.

ROSA, José António Pinheiro e, *Gente de Faro em 1711*. Faro: J.C. Lopes Martins, 1990. Separata de *O Algarve*.

VASCONCELOS, Simão de, *Crónica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil e do que obraram seus filhos nesta parte do Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Typ. de João Ignacio da Silva, 1864.

VITRUVIO, *De Architectura*, livro I, cap. VI §4. Maciel, Justino (tradução). Lisboa, 2006.

WIEBENSON, Dora (ed.), *Los Tratados de Architectura de Alberti a Ledoux*. Madrid: Hermann Blume, 1988.

*Política e Cultura no*  
*ciências Humanas e*

*Administração Local,*

1993.

*Arquiteturas e Monumentos,*

*Arquiteturas e Monumentos do seu*  
*Oficina de Joseph*

1990. Separata de

*Arquiteturas e Monumentos do seu*  
*Oficina de Joseph*, 1864.

1906.

Edição: Hermann Blume,



Figura 1 – Casa das Figuras



Figura 2 – Horta do Ourives



Figura 3 – Torre da Horta dos Cães

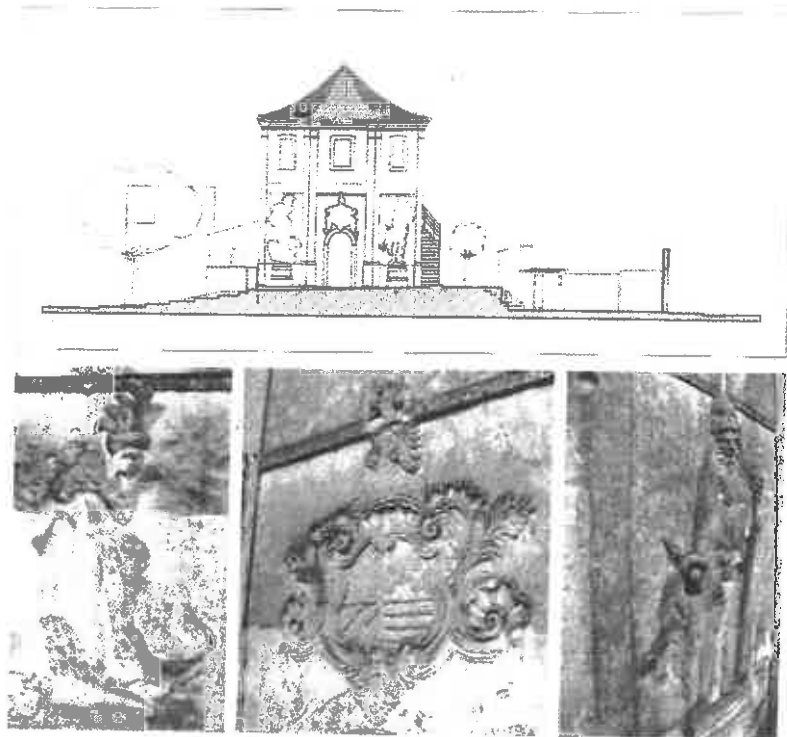


Figura 4 – Torre da Horta dos Cães



Figura 5 – America, Cesare Ripa / Cabo da Boa Esperança Adamastor, Torre da Horta dos Cães



Figura 6 – Representações de monstros na literatura de cordel  
Monstro de Chaves / Monstro do Chile



Figura 6 – “Bois Marinos”



Figura 7 – “Mostros da Merica”